



# Tempos Difíceis

Vivemos tempos difíceis e turbulentos no Brasil. De modo generalizado, as coisas estão desorganizadas. Áreas essenciais e vitais para assegurar o desenvolvimento econômico, social e o bem estar da sociedade parecem muito próximas do caos. A segurança, por exemplo, é crescentemente precária e as estatísticas mostram que as mortes por violência no Brasil são superiores à mortandade que se registra na guerra civil da Líbia. Na saúde e educação, campos que influenciam de modo relevante a formação do IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, as deficiências são notórias e as projeções recentemente divulgadas pela ONU nos colocam, na América Latina, ao lado da Venezuela, país em frangalhos e, no contexto mundial, no desonroso 79º lugar.

Na política, o alento trazido pela deposição do governo Dilma se desvanece, pela desesperança e lentidão nas mudanças. O mandato do Presidente Temer pode ser contaminado pelo processo em curso no STE que apura as estrepolias cometidas na campanha da ex-presidente petista. No Parlamento, os Presidentes da Câmara e Senado estão sob investigação na Lava Jato, assim como vários parlamentares, e já se discute, de modo escancarado, a anistia e a famigerada lista da sobrevivência da caciquia partidária, esquecendo-se da voz das ruas. No Judiciário, a PGR investe contra ministro do STF acusando-o de disenteria verbal e decrepitude moral (sic), algo inédito nos anais dos 128 anos de República.

Na economia, as notícias parecem um pouco melhores, mas não entusiasmam. O recuo da inflação de dois dígitos para cerca de 5% é positivo, da mesma forma que sinais, ainda tímidos, de retomada do emprego, terceirização, PEC dos gastos, reforma da previdência, e, principalmente do bom desempenho do agronegócio (ver matéria nesta edição) podem ajudar, não obstante, no caso do agro, as enormes deficiências na infraestrutura portuária e na malha de transporte para o escoamento das safras, e, mais recente, a pancada advinda da operação Carne Fraca. É negativo, também, o anúncio de que o Governo pretende cobrir o novo rombo de R\$ 58 bilhões - além dos R\$ 140 bilhões já orçamentados - com aumento de impostos e não de corte nas despesas correntes. Inibem-se os investimentos e encarecem os custos de produção. A explicação para este estado de coisas é visível: o populismo das ações públicas e intervenção cres-

cente do Estado, acompanhadas de aparelhamento e loteamento político dos cargos da Administração Pública, características dos governos petistas.

O café, que vinha atuando dentro de uma economia de mercado e primando por um alto grau de modernidade, como mostra o alcance do maior índice de produtividade nesta safra, não ficou imune. Ao tempo em que cabe saudar os bons resultados obtidos na renda recorde (ver matéria nesta edição), não se pode deixar de lamentar o encaminhamento dado à questão da importação em regime de *draw back* de café robusta para atender as necessidades da indústria de solúvel. A decisão, simplista e sem a perspectiva do futuro, alicerçada em motivações de assistencialismo e populismo que conduzem o setor ao passado, condena a indústria brasileira de café solúvel a uma posição de residualidade no mercado mundial de café solúvel. Ignora-se que os excelentes resultados obtidos nos últimos 10 anos pelos produtores de conilon, à exceção dos dois anos recentes, por conta da seca, decorrem, em essência, 1)- da competente atuação desses cafeicultores no campo da produção, abertos à tecnologia e obtendo alta produtividade, prescindindo, portanto de assistencialismos, e 2)- pelo desenvolvimento de um mercado capaz de absorver toda a produção, sustentando preços, no qual a indústria de solúvel tem destacada contribuição.

Bem a propósito da situação que vivemos vale citar o pensamento de Mário Vargas Llosa, premio Nobel de literatura, em recente artigo: *“O comunismo não é mais o inimigo principal da democracia liberal - da liberdade - e sim o populismo”*.

**Guilherme Braga Abreu Pires Filho**

Presidente do Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro

